

# ROBERTO DAMATTA



segunda-feira <b>MATTHEW SHIRTS</b> LÚCIA GUIMARÃES	terça-feira <b>ARNALDO JABOR</b>	quarta-feira <b>ROBERTO DAMATTA</b>	quinta-feira <b>LUIS FERNANDO VERISSIMO</b>	sexta-feira <b>IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO</b> MILTON HATOUM	sábado <b>MARCELO RUBENS PAIVA</b> ADRIANA FALCÃO	domingo <b>VERISSIMO</b> JOÃO UBALDO RIBEIRO DANIEL PIZA
---	-------------------------------------	--	--	--	---	---

## Temos o vício da amizade

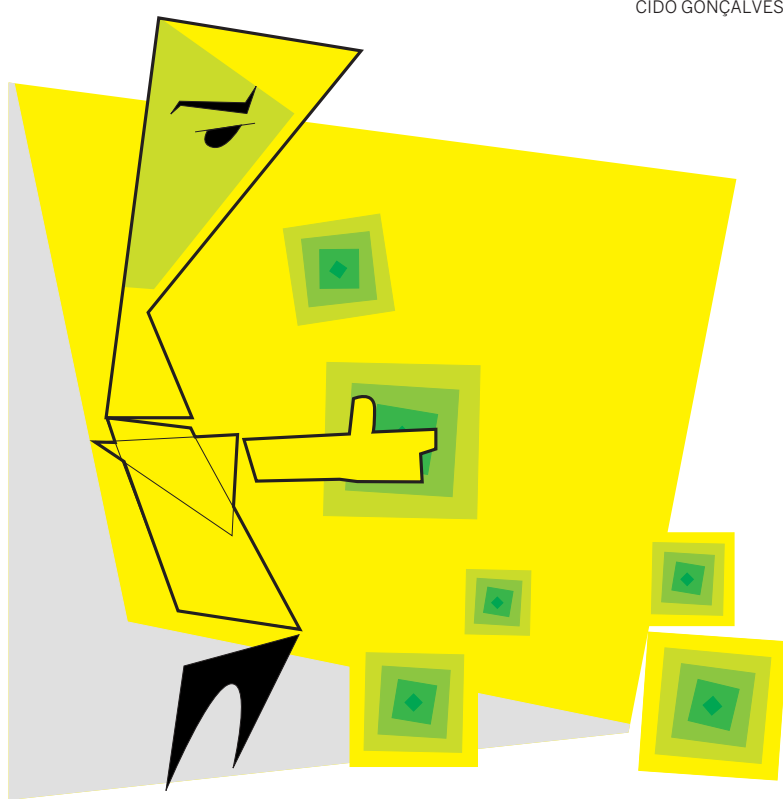
*Ninguém olha o mundo com olhos inocentes. Sempre se enxerga o mundo editado por um conjunto definido de costumes, instituições e modos de pensar.*  
 Ruth Benedict

A frase do deputado Edmar Moreira, recém eleito e já demissionário da corregedoria e da 2ª vice-presidência da Câmara Federal, no momento de uma nova etapa legislativa, remete aos velhos e pouco discutidos axiomas da amizade na vida política nacional.

Ela abre a porta para rever o que em *Carnavais, Malandros e Heróis*, eu caracterizei como sendo o "dilema brasileiro". A indecisão (que acaba virando decisão) entre as normas da amizade (muito mais aristocráticas do que patriarcais ou burguesas em origem e estilo) centradas na "pessoa" (como uma subjetividade feita de relações sociais hierarquizadas); e a lei que, valendo para todos, administra cidadãos-indivíduos com direitos e, eis o ponto duro de politizar e engolir, deveres! Com as tais obrigações coletivas que nas democracias frequentemente subordinam os seus pessoais.

O bloqueio de uma ética de

respeito e obediência às leis tem tudo a ver com o com o vício da amizade como um mecanismo de supressão de algo básico numa democracia liberal. O constante cálculo moral que baliza a consciência dos nossos deveres para com os da casa; em confronto direto com as nossas obrigações para com as normas que governam a rua - o mundo da esfera pública. Ninguém precisa virar calvinista, mas o abandono desse cálculo, tido como burguês pelas nossas elites, torna a coisa pública - a "república" que tanto amamos - uma terra de ninguém. Um espaço sistematicamente apropriada por bandidos de todos os calibres alguns, inclusive, eleitos pelo povo. Sem a discussão dos limites entre o velho estilo aristocrático de vida social e as coerções democráticas, que sujeitam todos a preços, impostos e leis, continuaremos a privilegiar lairdões bárbaros ou cordiais que, pela amizade e em seu nome, tornam elásticas todas as regras. Sabemos que não há como resolver de modo automático a decisão de ficar com os amigos ou com a lei, mas a frase do deputado revela como é intolerável ficar com apenas um lado, esquecendo em causa própria o outro.



CIDO GONÇALVES

Para mim, o castelo do deputado próximo a São João Nepomuceno - onde, adolescente, vivi e aprendi os axiomas sutis e abstratos das amizades que obrigam a devolver o favor recebido, a mentir em nome do amigo, a pagar amor com amor, a considerar o inimigo do amigo um inimigo, a olhar a

mulher do amigo como hótar, a não falar mal do amigo em toda e qualquer circunstância; e, eis uma coisa tão difícil quanto não pecar contra a castidade, de ter a coragem de resistir aos amigos - é bem menor do que a brecha aberta pela frase falhada, dita por quem vive o parlamento como um clube de

luxo, e não como um instrumento de melhoria coletiva.

Ela tem o mérito, como diria o Oliveira Vianna do ensaio *O Papel dos Governos Fortes no Regime Presidencial* (publicado no livro *Pequenos Estudos de Psicologia Social*, em 1923), de "sintetizar" um fator central de nossa "psicologia política", a saber: "A incapacidade moral de cada um de nós para resistir às sugestões da amizade e da gratidão, para sobrepor às contingências do personalismo os grandes interesses sociais, que caracteriza a nossa índole cívica e define as tendências mais íntimas de nossa conduta no poder." É justamente nesse fronteira indefinida entre amigos, máquinas partidárias e administradores que jaz os desequilíbrios do poder nacional. Um poder, que para Oliveira Vianna, tudo congrega e justifica. Sem a consciência dos limites entre o poder do governo e o poder das amizades (e partidos), confundem-se os contornos entre o público e o privado. Contam-se nos dedos casos como os de Feijó (mencionado no ensaio de Oliveira Vianna) e de Vargas, nos quais a motivação pessoal foi inibida em nome de algo maior. Evitar o debate dos limites é o traço distintivo

das "agremiações políticas" que, no poder, trabalham para seus próprios interesses, tendo o direito (ou o vício) de não separar o partido do país que agora possuem e controlam. É isso que engendra a "energia corporativa" cuja base é a personalização do poder. É ela que promove a emergência do elemento carismático e salvacionista, capaz de produzir paradoxos, como ocorre quando um presidente eleito por um partido marcadamente ideológico, governa populisticamente. Ou quando o corrupto e o canalha de ontem, torna-se o aliado redentor generoso de hoje, porque aceita o nosso pedido de perdão. Na amizade e no personalismo (que salva os "nossos"), encontramos a raiz dos famosos "dois pesos e duas medidas" que tem caracterizado, em maior ou menor grau - sejamos honestos - a dinâmica política de quase todos os governos.

Tem sido somente agora, graças a estabilidade da economia, que começamos a estranhar o papel da amizade na ordem política e no modo de "fazer política" no Brasil. Esse estilo predominantemente fundado no primado da casa sobre a rua e do "você sabe com quem está falando?" sobre as leis gerais. ●

### Música Show:

## Com a sua Radio Bemba, Manu Chao promete festa

Cantor franco-espanhol faz hoje no Espaço das Américas a primeira apresentação da turnê brasileira, em que toca as canções do mais recente CD, *La Radiolina*

### Lauro Lisboa Garcia

Há quatro anos sem se apresentar em São Paulo, Manu Chao desembarca hoje da Bahia para iniciar uma pequena turnê nacional por sete cidades. Em apresentação única no Espaço das Américas, ao lado da vigorosa banda Radio Bemba Sound System, que já estava ontem na cidade, ele vai tocar pela primeira vez para os brasileiros o repertório de seu mais recente álbum, *La Radiolina*.

Não se trata, no entanto, de um show do CD, mas da banda, como ele adverte: "Disco é uma coisa, show é outra, bem mais pauleira", diferencia Manu. Quem viu os anteriores, relacionados aos discos mais tranquilos, *Clandestino* e *Proxima Estación: Esperanza*, sabe bem do que ele está falando. No palco, Manu e sua banda são incendiários. "La Radiolina é mais próximo do que fazemos ao vivo do que os outros CDs", confirma.

A Radio Bemba, além de Manu (voz e guitarra), é formada por David Bourguignon (bateria), Gambeat (baixo), Madjid (guitarra), Garbance (percussão), Julio Lobos (teclados) e Angelo Mancini (trompete).

Os shows no Brasil não estavam planejados, foi tudo montado muito rápido, segundo Manu. Ele e sua banda estão encerrando a turnê, que passou pela Europa, pelos Estados Unidos e México, onde os shows foram filmados e certamente vão virar



FRANTZESCO KANGARIS/EFE - 28/6/2008

MANU - Para ele, o prazer de cantar no Brasil é um combustível a mais

DVD. Em terras brasileiras ele conta com outro combustível para desencadear a pauleira. "Aqui muda um pouco a apresentação, porque para mim estar no Brasil é sempre uma felicidade, seja pra show ou pra curtir a vida. A reação do público brasileiro sempre foi muito boa."

Além do shows da turnê, ele canta no carnaval do Recife com a banda pernambucana mundo livre s.a. "É um imenso prazer reencontrar a mundo li-

vre. No ano passado fizemos uma parceria em Fortaleza. Curto muito a versão que eles fizeram de *Minha Galera*", diz Manu, referindo-se à única canção de seu primeiro álbum-solo cantada em português.

Cidadão do mundo, bem relacionado, Manu canta em inglês, espanhol, português, francês, árabe, italiano, entre outras línguas. Amigo de Eugene Hutz, do grupo Gogol Bordello, de perfil cigano, Manu diz que é prová-

vel que se encontrem em alguma apresentação no Recife, já que os dois andam sempre por aqui. Embora muita gente compare um com outro, provavelmente pelo espírito anárquico, libertário, Manu faz distinção no aspecto musical. "Nossos trabalhos são bem diferentes, a base de inspiração da música dele é o Leste Europeu, a minha é mais latina. Nossa maior afinidade é a energia que temos no palco. Quando a gente se junta é uma festa brava."

### NO CARNAVAL DO RECIFE ELE VAI REENCONTRAR A MUNDO LIVRE S.A.

Engajado em causas humanistas, Manu criticou o ex-presidente americano George W. Bush diversas vezes em discursos durante shows e canções. Em *Rainin' in Paradise*, uma das melhores faixas de *La Radiolina*, canta: "Em Bagdá não há democracia/ Simplesmente porque é um país dos Estados Unidos." "Os oito anos de Bush no poder foi uma desgraça para o mundo inteiro. Acho que o dia em que Barack Obama foi eleito, simbolicamente, foi bem importante, mas que agora ele vai mudar alguma coisa, eu tenho muita, muita, muita dúvida. Faz muito tempo que a democracia é uma farsa. Faz muito tempo que os políticos em quem votamos não têm poder para mudar as coisas realmente. O que manda é a economia." Hoje, porém, ele garante uma noite de festa. ●

**Serviço**  
 ● **Manu Chao. Espaço das Américas (7 mil lug.). Rua Tagipuru, 795, Barra Funda, telefone 4003-1212. Hoje, às 21h30. Ingressos de R\$ 90/R\$ 100**

### Música Memória:

## Morre o cubano "Cachaíto" Lopez, do Buena Vista

O baixista, de 76 anos, não resistiu às consequências de uma cirurgia recente



JOSE LUIS MAGANA/AP

LÓPEZ - Além do sucesso no grupo, também era um astro por si próprio

Morreu anteontem, aos 76 anos, o baixista cubano Orlando "Cachaíto" López, um dos últimos integrantes do antológico projeto Buena Vista Social Club. Em anos recentes também morreram outros veteranos do grupo: os cantores Compay Segundo, Ibrahim Ferrer e Pío Leyva e o pianista Rubén González.

Considerado o coração pulsante do Buena Vista, Cachaíto morreu num hospital em Havana, dias depois de passar por uma cirurgia de próstata, segundo o músico Manuel Galbán, que tocou com López durante décadas.

Nascido em Havana em 1933, López provém de uma verdadeira linhagem de músicos: em sua família há cerca de 30 baixistas, entre eles seu tio Israel "Cachao" López e seu pai Orestes, também compositores reconhecidos.

"Cachaíto" virou sensação mundial como parte do Buena Vista, projeto do músico americano Ry Cooder que revitalizou a música cubana nos anos 1990.

Mas López, também era um astro por si próprio, independentemente do Buena Vista.

Inicialmente, "Cachaíto" tinha uma inclinação pelo violino, mas, segundo ele mesmo contou, seu avô o dissuadiu, para ele seguisse com a tradição do clã de contrabaixistas. Desde a adolescência, o músico integrou diversos grupos cubanos. Pioneiro do mambo cubano, aos 17 anos ele já se destacava num grupo chamado Riverside.

Nos anos 1960, passou a integrar a Orquestra Sinfônica Nacional, mas nunca deixou de lado sua vertente popular, combinando toda sorte de estilos, incluindo o jazz. Por aqueles tempos, ele também frequentou a boemia de Havana e seus cabarés. Em meados daquela década aceitou um convite para fazer parte de Los Zafiros, grupo com o qual lançou vários discos. Depois de um período de ostracismo, "Cachaíto" voltou a gravar depois de ser "redescoberto" por Ry Cooder. A família planejava cremar seu corpo. ● AP

www.ehcosmetics.com.br